

Radio na escola: o jornalismo como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem

MARCELO, Adriana Rabelo Rodrigues

Pós-graduanda em Assessoria de Imprensa e Marketing – UNITAU – SP

adriana.r.rodrigues@uol.com.br

GT6 – Comunicação Educativa

Coordenação: Elisabeth Moraes Gonçalves, Adriana Azevedo, Maria Leila Alves,
Maristela Gonçalves Elias

Palavras-chave

Rádio, jornalismo, educação, ensino, aprendizagem, cidadania.

O rádio é um meio de comunicação ágil e de fácil acesso. Justamente por essas características pode ser um grande aliado no processo de aprendizagem, pois age de maneira eficaz no campo das idéias. ‘Trata-se de um meio de comunicação cego, mas que pode estimular a imaginação’. Experiências com rádios comunitárias realizadas pelas emissoras “Rádio Favela”, em Belo Horizonte, e “Rádio Ação”, da Escola Estadual José Félix, em Potim-SP, demonstram que a introdução da linguagem radiofônica e de seus meios de produção em comunidades específicas contribuem para a promoção da cidadania e do processo de informação e formação do ser humano.

No ambiente escolar, o rádio age como propagador e difusor da cultura local, tornando-se forte aliado no processo de formação dos educandos. Nesse universo, o jornalismo encontra terreno fértil para alimentar discussões, debates e reflexões, fomentando a cidadania e preparando os alunos para enfrentar um mundo cada vez mais competitivo e globalizado.

Introdução

Os avanços tecnológicos, em especial o surgimento da internet, proporcionaram a interação do homem com o mundo em tempo real. Jornais, rádio, televisão e meios eletrônicos passaram a oferecer uma série de informações a ponto de serem encarados como ameaça para o processo de educação formal.

Diante disso, a escola, antes vista pela maioria como a única detentora do saber, sentiu a necessidade de se adequar à nova realidade.

No entanto, ‘talvez o termo descompasso seja o mais adequado para designar a situação presente vivida pelas escolas dos ciclos fundamental e médio diante dos meios de comunicação e das novas tecnologias’(CITELLI, 2000, p.21).

O descompasso fica ainda mais claro de ser observado diante da resistência de professores em utilizar os meios de comunicação como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem. Reconhecer o aluno como interventor no processo aprendizagem é uma tarefa difícil, principalmente para os profissionais de educação ainda presos a padrões de ensino tradicionalista. O apego a regras e modelos pré-determinados geram comodismo e ao mesmo tempo alienação.

“Raciocinar e decidir pode revelar-se uma tarefa árdua, especialmente quando estão em causa nossa vida pessoal e seu contexto social imediato”. (DAMÁSIO, 2003, p. 200).

A diversidade de bagagens culturais existentes apenas em uma sala de aula exige do professor não só o conhecimento teórico, mas também a capacidade de interpretar a realidade.

Apesar da tentativa de adequação a realidade e a evolução tecnológica, a escola ainda pode ser considerada refém de modelos padronizados e métodos de educação, na maioria das vezes distantes da realidade dos educandos.

“Muitos educadores ainda não entenderam porque a criança que chega à escola, logo se desgosta da mesma. Na verdade esta não se acabrunha com o ambiente educacional, mas sim com os métodos de ensino. Precisamos pensar na escola, como esta era em épocas passadas, mesmo com poucas décadas atrás, e por quais evoluções passou. Além disso, necessitamos debater sobre as posturas e condutas de professor na sociedade em que estava inserido no passado, e como ele vem se posicionando na atualidade” (SOUZA, 2003, p.57).

Diariamente os meios de comunicação divulgam informações, em ritmo acelerado, de assuntos que estão direta ou indiretamente relacionados ao dia-a-dia das pessoas. Tal realidade contribui para que os estudantes, antes passivos, passem a ver a escola como local desinteressante, pois o quadro negro deixa de ser suficiente para atender as necessidades educacionais do novo perfil de público que chega aos bancos escolares.

“Os meios de comunicação e as tecnologias da informação significam para a escola em primeiro lugar isto: um desafio cultural, que torna visível a distância cada dia maior entre a cultura ensinada pelos professores e aquela outra aprendida pelos alunos. Pois os meios não só descentram as formas de transmissão e circulação do saber como também constituem um decisivo âmbito de socialização através dos mecanismos de identificação/projeção de estilos de vida, comportamentos, padrões de gosto. É apenas a partir da compreensão da tecnicidade mediática como dimensão estratégica da cultura que a escola pode inserir-se nos processos de mudanças que atravessam a nossa sociedade”. (BARBERO apud CITELLI, 2000 p.22).

Dentre os meio de comunicação o rádio é o que mais se aproxima da realidade escolar. Devido a sua linguagem coloquial, a proximidade com o ouvinte e o baixo custo, este meio pode promover a interação da comunidade escolar e possibilitar ao educando a chance de ser protagonista de uma ação pedagógica.

“Quem se preocupa em produzir comunicação democrática e participativa e em promover a ação comunicativa, por onde quer que ande, revela que entendeu que o problema das comunicações – sobretudo no dia de hoje - não se reduz às tecnologias de ponta e não diz respeito apenas aos governantes ou aos empresários do setor. Na verdade, produzir comunicação tem se revelado a melhor forma de celebrar em plenitude o exercício da cidadania, na família, na escola, nos ambientes de trabalho, nas igrejas... (SOARES,1996,p.71).

Por meio dos recursos oferecidos pelo rádio, em especial as técnicas jornalísticas, o aluno passa a interagir-se com meio onde está inserido. Dessa forma ele cria ambiente propício para expor suas idéias e discuti-las com os demais membros da escola. A aplicação de técnicas radiofônicas na escola tem como objetivo contribuir para com a formação de

futuros cidadãos críticos e conscientes, capazes de interferir e promover mudanças fundamentadas no esforço coletivo.

Experiências desenvolvidas em instituições de ensino como a Escola Estadual José Felix, no município de Potim, localizado no Vale do Paraíba –SP é exemplo da viabilidade do uso do rádio no processo de ensino/aprendizagem. Há cerca de 5 anos, professores e alunos, apresentaram ao governo do estado um projeto para produzir programas de rádio na escola. A proposta foi aceita e a Secretaria Estadual de Educação enviou todos os equipamentos necessários para a instalação de um estúdio de rádio na José Felix.

A partir de então, os estudantes, com o auxílio de professores, passaram a produzir programas radiofônicos e descobrir um mundo novo, onde a opinião de adolescentes conquistou o próprio espaço. Em outras comunidades, como no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte, o rádio chegou com a função não apenas de informar, mas, principalmente formar e promover a cidadania. Com características próprias, diferentes dos moldes tradicionais de produção radiofônica a “Rádio Favela”, instalada desde 1981, foi capaz de envolver uma comunidade de mais de 200 mil habitantes no propósito de valorizar a cultura local e discutir abertamente, sem censura, assuntos que interferem no cotidiano dos moradores daquele local.

Nesses dois casos, a comunidade ganhou voz e de receptores passivos, os membros comunitários passaram a ativos, capazes de interferir na realidade local e serem protagonistas de uma ação social e cidadã.

“Educação significa educar para a sociedade. É a socialização do patrimônio de conhecimento acumulado, o saber sobre os meios de obter o conhecimento e as formas da convivência social. É também educar para a convivência social e a cidadania, para a tomada de consciência e o exercício dos direitos e deveres do cidadão”. (PERUZZO, 2002, p.3)

Numa escola a interferência da comunidade externa é fundamental para a interação e a troca de conhecimento acumulado. Favorecer este intercâmbio por meio do uso de um meio de comunicação social, no caso o rádio, estimula a troca de experiência e favorece a aproximação e o convívio com a instituição de ensino. A realidade escolar nada mais é que o reflexo das interferências sociais.

“Está aí o âmago da questão da educação para a cidadania nos movimentos sociais: na inserção das pessoas num processo de comunicação, onde ela pode tornar-se sujeito do seu processo de conhecimento, onde ela pode educar-se através de seu engajamento em atividades concretas no seio de novas relações de sociabilidade que tal ambiente permite que sejam construídas” (PERUZZO, 2002, p.5).

Criar situações que possibilitem a aproximação entre o ambiente escolar e a comunidade externa contribui para o estímulo do debate. Na busca deste equilíbrio a escola deixa de ser apenas fonte de formação formal e abre espaço para a valorização do ser humano. A partir do momento que os educandos tem a liberdade de discutir a própria realidade e expressar suas opiniões por meio de seu jeito próprio de se comunicar estarão evoluindo não apenas intelectualmente, mas também ganham força para libertarem-se das amarras paternalistas dos métodos de ensino tradicionalistas.

Por que o rádio?

O rádio é um meio de comunicação que está presente em grande parte de nossas vidas. Quando sintonizamos uma emissora para ouvir uma música ou acompanhar uma notícia, estamos fazendo uso deste meio, sem ao menos percebermos o quanto ele nos acrescenta.

Por meio de uma linguagem simples e objetiva, o rádio alcança os mais variados públicos, independente de formação, classe social ou poder aquisitivo. Ele informa, provoca sensações e distrai, além de acompanhar o ouvinte onde ele estiver. Seja no banheiro, no carro, no trabalho, o rádio acompanha e é companhia.

Desde a implantação da radiodifusão no Brasil, em 1923, por Roquette Pinto e Henry Morize, o rádio tem forte compromisso social. Devido a suas características e o grande poder de penetração, este meio de comunicação tornou-se espaço ideal para o despertar da consciência crítica e do estímulo a cidadania.

Pelas ondas do rádio é possível aproximar parentes e amigos distantes, conhecer culturas diferentes, saber de fatos ocorridos na comunidade ou do outro lado do mundo. Uma pessoa pode até mesmo compartilhar de alegrias e angustias de outros sem ao menos conhecê-los. A instantaneidade deste meio abre a possibilidade para que o receptor possa receber informações em tempo real. Devido a esta característica, o rádio é capaz de promover o diálogo: o simulado pela imaginação, ou o direto, quando o

receptor deixa de ser mais um ouvinte e participa da programação da emissora. Nesses momentos a palavra ganha força, pois é dado ao indivíduo direito de interferir numa determinada situação.

Os elementos da linguagem radiofônica (música, efeitos sonoros e a voz humana) favorecem o entendimento da mensagem e estimulam a imaginação, dando a oportunidade para que o ouvinte tenha a liberdade de interpretar o que ouve de acordo com sua formação e bagagem cultural. O rádio não é limitado e nem limita a imaginação do receptor.

“Trata-se de um meio cego, mas que pode estimular a imaginação, de modo que logo ao ouvir a voz do locutor o ouvinte tente visualizar o que ouve, criando na mente a imagem do dono da voz. (...) Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser” (MCLEISH, 2001, p.15).

Seja para opinar sobre um assunto ou simplesmente deixar um recado para uma pessoa querida, sem a necessidade do domínio de regras e técnicas de locução, o ouvinte sente-se a vontade para se expor, pois sabe que o “companheiro rádio” não é exigente, ele apenas pede clareza e simplicidade na mensagem propagada. Por essas e outras características, o rádio é considerado um meio de comunicação sem fronteiras.

Com tantos benefícios e popularidade, o rádio ganha força em pequenos espaços comunitários, entre eles a escola. Nesse ambiente repleto de opiniões diferenciadas e expectativas, este meio de comunicação serve como ferramenta no processo de aprendizagem. Ele abre a possibilidade para que os alunos troquem opiniões e sintam-se suficientemente capazes de atuar no espaço escolar como agentes transformadores.

Esse ambiente é o mais propício para que a palavra ganha força. Dentre as linguagens do rádio a voz humana é a mais transparente. Ela ‘informa, explica, dialoga, acompanha conversando.(...) E o bom uso das palavras concretas permitirá despertar imagens auditivas na mente do receptor. No entanto, entre as três vozes da linguagem radiofônica, a palavra é que mais se dirige a razão do ouvinte. É a geradora de idéias’(VIGIL, 2003, p.56).

Justamente por isso, o jornalismo pode servir como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem. Já que a voz humana é a principal sustentação da produção jornalística. Sendo o papel do jornalista informar e formar seu público, porque não levar as técnicas jornalísticas para dentro da escola com o propósito de favorecer a liberdade de

expressão e a troca de opiniões entre estudantes, professores e demais funcionários da instituição de ensino?

“Somente garantiremos a plena liberdade de expressão da sociedade civil, quando esta dispuser de suas frequências de rádio e televisão, por meio dos quais possa dizer sua palavra e projetar uma imagem independente” (VIGIL, 2003, p.489).

Ao conceder o direito a palavra para crianças e adolescentes a escola deixa de ser mera cumpridora de tabela no uso dos meios de comunicação como recurso pedagógico. Desta forma, ela dá condições para que os educandos tenham capacidade de ler esses meios de maneira crítica, favorecendo a formação de cidadãos conscientes.

“A escola precisa, enfim, no seu projeto educativo, considerar a questão dos meios de comunicação e da comunicação como parte importante- e não marginal- do processo educativo integral do novo aluno-cidadão, visando construir uma sociedade realmente democrática”. (MORAN, 1993, p.184).

Nesse contexto, o rádio chega com a função de despertar a prática da cidadania e colaborar com a formação de indivíduos por meio da liberdade de expressão.

“Os meios de comunicação desempenham também um importante papel educativo, transformando-se, na prática, numa segunda escola, paralela à convencional. Os meios são processos eficientes de educação informal, porque ensinam de forma atraente e voluntária - ninguém é obrigado, ao contrário da escola, a observar, julgar e agir tanto individual como coletivamente” (MORAN, 1993, p.19).

O rádio como meio transformador da realidade enquadra-se no cenário escolar como fonte de propagação do discurso democrático. Sem a necessidade expor a palavra por meio da linguagem escrita, o emissor expressa-se verbalmente, usando do seu regionalismo, gírias e intimidade com o receptor, já a mensagem é dirigida àqueles que convivem diariamente por estudantes envolvidos na proposta pedagógica.

“Temas como drogas, sexo e violência entram pelo portão principal junto com os alunos. Os meios de comunicação acusados de estimular a violência e a lascividade, através dos seus produtos, já tomaram posição se engajando em campanhas e promovendo seminários para discutir os temas. (...) Se as crianças e os jovens que freqüentam os bancos escolares,

não são os mesmos do início do século, o contexto em que vivem também mudou” (SILVA *in* CITELLI, 2000, p.169).

A Rádio da Escola

Produzir uma programação de rádio em uma escola é uma tarefa que requer empenho e dedicação de todas as pessoas envolvidas. O primeiro passo para que a iniciativa dê certo é conscientizar professores, alunos e funcionários de que a emissora interna é da comunidade escolar.

O ambiente escolar é composto por indivíduos com as mais variadas experiências de vida e formação. Justamente por isso é que a Rádio da escola deve ser elaborada por pessoas envolvidas com a realidade local.

Para produzir uma programação radiofônica em uma instituição escolar não basta adquirir equipamentos e entregar o microfone nas mãos dos envolvidos.

É necessário que haja uma preparação para que todos tenham condições de serem protagonistas de uma ação enriquecedora do ambiente escolar, certos de que estarão contribuindo com a formação dos demais membros da comunidade.

No entanto, a função dos capacitadores, sejam eles professores de instituições de ensino superior ou própria escola, não é gerar a dependência das crianças e adolescentes. O principal objetivo é dar suporte para que todos conquistem autonomia no fazer pedagógico.

“Programas elaborados pelos alunos (noticiário, reportagens, entrevistas, prestação de serviços, utilidade pública, músicas, etc.) para a veiculação por alto-falante para os alunos de cada turno, nos horários de entrada, mudança de período, saída, dias de festas, de acordo com o interesse e condições de produção” (SILVA *in* CITELLI, p.167)

No uso do rádio como ferramenta no processo de ensino/aprendizagem fica evidente a importância da utilização de técnicas jornalísticas na elaboração de uma programação. Por meio do jornalismo, é possível trabalhar todas as questões que envolvem a comunidade. A palavra ganha força e estimula a participação coletiva nas decisões internas.

Neste caso o jornalismo assume de fato o papel de transformador social, dando chance para que cidadãos, antes oprimidos por regras convencionais de educação, assumam compromissos com o grupo e conquistem a liberdade de expressão.

Num projeto de rádio na escola é possível perceber a insegurança de adolescentes e crianças envolvidas no projeto, a partir do momento que elas se conscientizam quanto a responsabilidade que estão assumindo. Diante expressões de surpresa, curiosidade e insegurança, fica claro o longo caminho que ainda falta na trajetória dos pequenos cidadãos que ainda não descobriram a própria capacidade de gerar informação e promover mudanças no ambiente onde estão inseridos.

O jornalismo pode ser considerado como parceiro desta conquista, pois está inserido nos moldes da educação informal. Além disso, pequenas instruções quanto a ordem de uma informação e a síntese do texto para rádio, facilitam disseminação e o entendimento da mensagem.

Conclusão

O rádio e o jornalismo são fortes aliados no processo de ensino/aprendizagem. Hoje em dia não há como falar de educação sem abordar as interferências dos meios de comunicação. Os recursos oferecidos pelo rádio e as técnicas de jornalismo favorecem a promoção da cidadania, num ambiente ainda preso a regras tradicionais de educação e padrões sócias excludentes.

O uso de meios de comunicação e seus recursos que fogem do modelo formal de educação chegam para professores e estudantes como uma nova opção dentro da escola.

Não é novidade que os bancos escolares, hoje, recebem um público de comportamento e atitudes muito diferentes dos que eram encontrados em anos anteriores. O desenvolvimento tecnológico tem grande influência em alguns aspectos desta mudança.

No entanto, a escola ainda não se permitiu adequar-se as mudanças ocorridas, talvez por acomodação ou até mesmo falta de preparo para assumir o papel de transformadora e protagonista de mudanças sociais.

Dentro deste quadro, o jornalismo assume a função social de promover a cidadania e dar condições para que indivíduos excluídos e de participação comunitária inexpressiva tornem-se protagonistas de uma ação pedagógica e social.

A adequação dos meios no processo de aprendizagem é fundamental para a formação dos estudantes. Dar a oportunidade para que a palavra de crianças e adolescentes ganhem

força dentro da escola por meio do rádio, significa para a escola um passo significativo na promoção da cidadania e formação de um educacional favorável para o desenvolvimento do saber.

Referências Bibliográficas:

- CAVALCANTI, J. *O jornal como proposta pedagógica*. São Paulo: Paulus, 1999.
- CITELLI, A. *Outras Linguagens na Escola*. São Paulo: Cortez, 2000.
- CITELLI, A. *Comunicação e Educação- a linguagem em movimento*. São Paulo: Senac 2000.
- DAMÁSIO, R. D. *O erro de descartes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MACLEISH, R. *Produção de rádio – um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.
- ORTRIWANO, G. *A informação no rádio*. 4ª ed. São Paulo: Summus, 1985.
- RESTREPO, L. C. *O direito a ternura*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- PERUZZO, C. *Comunicação nos Movimentos Populares*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998.
- PERUZZO, C. *Comunicação Comunitária e Educação para a Cidadania*. Disponível em : < <http://www2.metodista.br/unesco/PCLA/revista13/artigos%2013-3.htm> > acesso em 20 de fev. 2003.
- SEVERINO, A. *Metodologia do trabalho científico (22ª edição)*. São Paulo: Editora Cortez, 2002.
- SOARES, I. *Sociedade da informação ou da comunicação?*. São Paulo: Cidade Nova, 1996.
- SOUZA, M. H. C. *Comunicação, Educação e Novas Tecnologias*. Campos Goytacazes/RJ: Fafic, 2003.
- VIGIL, José Ignácio. *Manual urgente para radialistas apaixonados*. São Paulo: Paulinas, 2003.